

O papel do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) na construção de uma educação antirracista

The role of the Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) in the construction of an anti-racist education

El papel del Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) en la construcción de una educación antirracista

Heverton Luis Barros Reis¹

Olívia Neta¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/serieestudos.v29i67.1850>

Resumo: O Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) é um acervo público e gratuito, que tem como missão valorizar a história, a memória e as culturas negras africanas e afro-brasileira. Neste sentido, objetiva-se refletir sobre a educação antirracista promovida pelo IPEAFRO, dando visibilidade ao acervo do instituto. O objetivo associa-se à pergunta: como o IPEAFRO promove uma educação antirracista? Pelas análises do IPEAFRO, estima-se uma nova história do negro no ensino brasileiro, em especial, pelo realce da trajetória e do legado de Abdias Nascimento nas lutas contra o racismo ao longo do século XX, expresso nos variados documentos do acervo. Por fim, espera-se contribuir para a divulgação do acervo e servir como aliado para o ensino das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras.

Palavras-chave: IPEAFRO; educação antirracista; Abdias Nascimento.

Abstract: The *Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros* (IPEAFRO) is a free public collection whose mission is to value African and Afro-Brazilian history, memory and cultures. In this sense, the aim is to reflect on the anti-racist education promoted by IPEAFRO, giving visibility to the institute's collection. This aim is linked to the question: how does IPEAFRO promote anti-racist education? IPEAFRO's analysis is expected to create a new history of black people in Brazilian education, especially by highlighting Abdias Nascimento's trajectory and legacy in the struggles against racism throughout the 20th century, expressed in the various documents in the collection.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

Finally, we hope to contribute to the dissemination of the collection and serve as an ally for the teaching of African and Afro-Brazilian histories and cultures.

Keywords: IPEAFRO; anti-racist education; Abdias Nascimento.

Resumen: El Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) es una colección pública y gratuita cuya misión es valorizar la historia, la memoria y las culturas africanas y afrobrasileñas. En este sentido, el objetivo es reflexionar sobre la educación antirracista promovida por el IPEAFRO, dando visibilidad a la colección del instituto. El objetivo está vinculado a la pregunta: ¿cómo promueve el IPEAFRO la educación antirracista? Se espera que los análisis del IPEAFRO creen una nueva historia de los negros en la educación brasileña, especialmente destacando la trayectoria y el legado de Abdias Nascimento en las luchas contra el racismo a lo largo del siglo XX, expresados en los diversos documentos del acervo. Por último, esperamos contribuir a la divulgación de la colección y servir de aliado para la enseñanza de la historia y la cultura africanas y afrobrasileñas.

Palabras clave: IPEAFRO; educación antirracista; Abdias Nascimento.

1 INTRODUÇÃO – DRAMAS PARA NEGROS E PRÓLOGO PARA BRANCOS²

Onde os povos africanos aparecem na história oficial do país que ajudaram a construir? Quais locais ocuparam durante os séculos de escravidão e pós-escravidão? E a população afro-brasileira, em qual situação foi – e é – representada nos livros, nas mídias e na vida pública?

A nova história do negro deixa, por vezes, a documentação oficial de lado para propor uma contranarrativa, objetivando desconstruir o pensamento colonial ao demonstrar que o continente africano já existia em desenvolvimento cultural, social e tecnológico séculos antes.

Nesse sentido, o artigo apontará a importância e contribuição do acervo digital do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) para o ensino, a pesquisa e as culturas negras, ressaltando sua missão, seus valores e objetivos. Da mesma forma, visa enegrecer o saber por meio da análise do material da linha do tempo que ilustra a produção de culturas e saberes africanos ao longo dos tempos e que serve de possibilidade para *ensinagem* da cultura, história e memória negra. Enseja-se, assim, refletir sobre a educação antirracista promovida pelo IPEAFRO, ao tempo que busca divulgar o acervo, percebendo-o como aliado

² O título desta introdução faz referência à obra de mesmo nome de Abdias Nascimento, lançada em 1961, pelo Teatro Experimental do Negro (TEN). Na obra, Abdias procura romper com a visão tradicional do negro. Aqui, de forma semelhante, procura-se trazer a contribuição dessa casa de memória tão importante para o ensino das culturas negras.

para o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos variados níveis, etapas e modalidades da educação.

A análise histórico-crítica, que faz parte da reunião de métodos, procedimentos e técnicas, desenvolvida no fazer historiográfico, com o objetivo de analisar as fontes e com o ensejo de investigação dos eventos ao longo dos tempos, faz-se importante para a sociedade do tempo presente. Nesse sentido, o artigo se utiliza do método histórico-crítico para problematizar como os negros aparecem no ensino, ao tempo que analisa a relação entre história e memória, ressemantizando a importância para a construção e fortalecimento de histórias negligenciadas, ou, ainda, para recontar uma história do negro pela perspectiva decolonial.

Para melhor entendimento, o artigo foi dividido entre: (1) a apresentação, por meio do histórico do IPEAFRO, procurando responder quem é/o que é o IPEAFRO, qual sua missão, seus objetivos, como funciona o acervo digital e sua organização e quais os principais envolvidos e responsáveis; (2) a importância, contribuição e trajetória de Abdias Nascimento antes e depois de fundar o IPEAFRO; (3) a linha do tempo como exemplo de material a ser utilizado para o ensino das histórias e culturas africanas e em diálogo com a Lei 10.639/03. Por fim, o artigo reflete, ainda, nas considerações finais, o IPEAFRO como acervo, memória e valorização da/para a população negra.

2 O IPEAFRO COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA PARA A EXISTÊNCIA

A pergunta central aqui é: o que é o IPEAFRO? Ao conhecermos melhor, por meio da sua história, desde a fundação, seus idealizadores e desmanteladores atuais, sua missão, objetivos e a funcionalidade do acervo, perceberemos como uma casa de memória vem resistindo a tentativas de apagamento e esquecimento das culturas negras.

A memória é um artefato simbólico de poder. Sendo assim, os espaços que tangenciam a preservação e difusão do patrimônio, seja material, seja imaterial, como arquivos, acervos, potencializam o discurso sobre a realidade. Perceber esse elóquio, complexificado de tensões, existência e negação, silenciamento e resistência, serve para visibilizar o lugar de fala, isto é, de memórias outras que nos formam enquanto sociedade.

Quando Abdias Nascimento, após treze anos de afastamento do Brasil, devido à perseguição no período da ditadura civil-militar, funda, em 1981, com o apoio de Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016), o IPEAFRO – tendo como sede a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na qual cria o setor de pesquisas voltadas aos assuntos afro-brasileiros –, bem como funda a biblioteca especializada no assunto, a partir do acervo de Abdias Nascimento, começa, de maneira embrionária, a fomentar a preservação da memória do povo negro, em especial, sua memória enquanto intelectual negro.

Na linha do tempo do instituto, após seu surgimento em 1981, o ano seguinte é marcado pela organização do 3º Congresso de Culturas Negras das Américas, o qual traz ao Brasil grande diversidade de representantes de países das Américas, do Caribe e das Áfricas negras. A publicação das teses apresentadas no Congresso pode ser encontrada na Revista Afrodiáspora 3 – Revista do Mundo Negro, IPEAFRO, PUC-SP, ano 2, n. 3, out. 1983 – jan. 1984, estando disponível na parte de: leitura-publicações do IPEAFRO, no acervo digital.

Outro destaque, ainda no ano de 1982, foi o curso de extensão promovido pelo IPEAFRO, em parceria com a PUC-SP, sobre a *Conscientização da Cultura Afro-Brasileira*, promovendo pesquisa de campo sobre comunidades quilombolas e possibilitando a preservação da memória por meio de entrevistas e registros fotográficos dos dilemas e da vida dos quilombolas.

Em 1984, o IPEAFRO muda-se para o Rio de Janeiro, onde está até os dias atuais, devido à falta de espaço e infraestrutura da PUC-SP. No mesmo ano, promove, no país, o *Primeiro Seminário Internacional sobre a Independência de Namíbia*. Os volumes 6 e 7 da revista Afrodiáspora é visibilizado aos anais do evento.

Em parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), durante os anos 1985 a 1995, o Instituto promoveu o curso *Sankofa – Conscientização da Cultura Afro-Brasileira*, que resultou na coleção, em quatro volumes, intitulada: *Sankofa: Matrizes Africanas da Cultura Brasileira*.

No campo educacional, no tocante à formação de professores e sobre o ensino de história das civilizações africanas e afro-brasileiras, de maneira mais efetiva, a partir do ano de 1991, o IPEAFRO vem se dedicando a pensar a valorização da memória e história cultural dos povos negros em sala de aula. Em 1991, promove o *1º Fórum Estadual sobre o Ensino da História das Civilizações Africanas* na Escola Pública do RJ, em parceria com a Secretaria Extraordinária de Defesa e

Promoção das Populações Negras / Afro-Brasileiras (SEDEPRON). Entre 1991 até 1993, esteve ligada ao SEDEPRON na capacitação de educadores, anos antes da obrigatoriedade da Lei 10.639/2003, podendo ser lido como um dos mecanismos e organização que fomentou a implementação da lei que obriga o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica.

Destaque, ainda, no campo de ensino, o ano de 2007 com o *Fórum Memória Viva e Ação Educativa*, realizado no Arquivo Nacional, expondo e debatendo com professores e pesquisadores sobre a implantação da Lei 10.639 (Brasil, 2003). E, a partir de 2010, desenvolve atividades com o *Fórum de Educadores* e *Fórum Educação Afirmativa Sankofa*.

Para além, o IPEAFRO permanece produzindo pesquisa, livros, fóruns, eventos e exposições sobre as culturas negras, e, em especial, sobre a trajetória e o legado do Abdias Nascimento, que nos deixou em 2011, aos 97 anos. O Instituto permanece também organizando seu acervo, recuperando e digitalizando com o desejo de que mais pessoas tenham acesso a essas memórias negro-referenciadas, em particular, do Abdias, salvaguardando a história e promovendo a efetivação das leis e dos debates étnico-raciais.

A dimensão corroborada anteriormente faz parte justamente da missão e objetivos do IPEAFRO que passam pela colaboração da população negra da preservação de história e manutenção das memórias, bem como na divulgação dos seus valores ancestrais, da afirmação identitária e respeito étnico e humano.

No campo do saber, procura mensurar a contribuição do conhecimento dos povos africanos, afrodiaspóricos, afro-ameríndios e, para a contribuição do Brasil, do afro-brasileiro.

Para além, o acervo digital tem a seção *IPEAFRO* com as subseções de *Contribuição, Insígnia, Logomarca, Apoio e Parceiros atuais e antigos*. A seção de *Ações* conta com o acervo do IPEAFRO propriamente dito, trazendo seus principais documentos. Ao acessar cada subseção, somos direcionados para uma gama de documentos, entre textos, livros, fotografias e obras de arte.

Sobre a seção *Acervo*, existem outras subseções sobre o Museu de Artes, Teatro Experimental do Negro (TEN [Nascimento, 2004]) e a trajetória, atuação política, biografia, produção intelectual de Abdias Nascimento. Já na seção *Sala de Aula*, encontramos fóruns e publicações em anais, cadernos de estudos sobre a temática, biblioteca comunitária, além de materiais, como a linha do tempo

dos povos africanos, que é um suplemento didático para o ensino da história dos povos africanos.

Na seção *Personalidades*, temos acesso a documentos, história e biografias de figuras que fizeram parte do universo de Abdias Nascimento e do TEN, como Agnaldo Camargo, Ironides Rodrigues, Léa Garcia, Ruth de Souza, Sebastião Alves e Edmundo Oliveira. Artistas, professores e cidadãos ativistas dos movimentos negros.

O *site*/acervo digital conta ainda com o espaço para contato e as redes sociais do IPEAFRO. Portanto, é um *site* autoexplicativo, que facilita pela sua organização, disposição e qualidade da divulgação dos documentos variados. Pode ser acessado para pesquisa individual ou institucional, por pesquisadores e alunos das várias etapas de ensino, bem como por professores para o subsídio em preparação de aulas e materiais didáticos.

3 ABDIAS NASCIMENTO: GRIOT³ DECOLONIAL

Ao falarmos sobre o IPEAFRO, é fundamental reverenciarmos e referenciarmos Abdias Nascimento – intelectual, professor, político, ativista, artista da cena, das artes plásticas e da poesia – como griot decolonial e pan-africanista, que resistiu, não somente pela fundação do instituto em questão, mas por sua trajetória, como intelectual negro brasileiro.

Os anos de 1914-1924, em que Abdias era criança, a educação, sobretudo, para crianças negras, era precarizada no país. Nesse período, é sabido que mais da metade da população brasileira era ruralista e poucas crianças iam à escola. As mudanças mais significativas vão ocorrer a partir da II Guerra Mundial e do processo de industrialização no país, e, portanto, migratório, do campo para a cidade.

³ O termo “griot” refere-se a um tradicional contador de histórias, músico e guardião da história oral em várias culturas da África Ocidental, especialmente entre os povos madeirenses. Nos estudos de Amadou Hampâté Bâ, um renomado autor e etnólogo maliano, o griot desempenha um papel fundamental na transmissão e preservação da cultura, história e valores tradicionais africanos. Hampâté Bâ enfatiza a importância do griot como uma figura central na sociedade africana, responsável por preservar a memória coletiva do povo, transmitindo tradições, mitos, histórias e conhecimentos ancestrais de geração em geração. E mais, o griot é visto como um guardião do passado e um educador do presente, cuja função é manter viva a rica herança cultural africana. Nesse sentido, lemos, então, Abdias como um exemplo de Griot para a cultura afro-brasileira (Nascimento, 2021).

Esse processo, vale lembrar, acentuou as injustiças raciais, tendo em vista que as desigualdades eram aumentadas quando se falava das pessoas pobres e negras.

Abdias, por sua vez, embora menino do interior e pobre, teve acesso à educação primária, e, mais tarde, teve acesso ao curso técnico. Nesse período, existia uma distinção entre cursos universitários voltados para as elites, leia-se população branca, sobretudo nas áreas de medicina, direito e engenharia; cursos técnicos, para a classe média, em boa parte pessoas brancas, como contabilidade e administração, e os cursos técnicos voltados para o trabalho manual, como carpintaria, mecânico e eletricitista, destinado, sobretudo, aos negros.

Contudo, a vida estudantil não foi fácil. Em suas memórias, relata o sofrimento de racismo, muito comum à época, desde o primeiro grupo escolar público de que fez parte. Ainda assim, com apoio de sua mãe, não desistiu. Aos 11 anos, Abdias ingressou na escola de comércio para estudar contabilidade, como era convencional no período, a fim de que, após o ensino primário, essas crianças tivessem um ofício.

Nos anos de 1930, já com 16 anos, Abdias foi para a capital São Paulo (SP), sendo iniciado no Exército Brasileiro, sob o comando do general Washington Luís. Todavia, Nascimento não ficou por muito tempo, abandonando as batalhas que estavam acontecendo no país, com a justificativa de doença da mãe (Vieira; Correia, 2022). Porém, é também no exército que, em batalha, conheceu o batalhão, legião Negra, formado por homens negros, representantes de “[...] uma dissidência da Frente Negra Brasileira (FNB), entidade criada para defender a causa das populações negras” (Vieira; Correia, 2022, p. 12).

Outros três pontos, para além de oportunidade escolar, que contribuíram para a formação como intelectual foram sua participação, já no Rio de Janeiro, da Ação Integralista Brasileira (AIB), sendo importante para conhecer mais sobre as culturas negras, bem como seus encontros com outros intelectuais negros da época, como Abigail Moura e Solano Trindade, e sua aproximação com escolas de samba e o terreiro de candomblé de Joãozinho da Gomeia, o qual foi lido, por Abdias, como encontro identitário.

Para sua formação, outro aspecto importante foi a participação com o grupo *Santa Hermandad de la Orquídea*⁴. “No contato com esses intelectuais, Nascimento

⁴ Criado nos finais dos anos de 1930, o grupo era formado por Godofredo Tito Iommi, Efrain Tomás

identificou interesses comuns relacionados à arte, à cultura e à política, ampliando essas reflexões e debates” (Vieira; Correia, 2022, p. 17).

Ao voltar para o Brasil, após rodar boa parte da América Latina, debatendo sobre a questão do negro, Abdias é preso por uma ação cometida nos anos de 1937, em São Paulo. Então, é detido na penitenciária do Carandiru (SP), onde cria seu primeiro grupo de teatro, o *Sentenciado*.

O Teatro do *Sentenciado* possibilitou Abdias a perceber o potencial dos negros, seja no local daquele que ensina e compartilha saberes, seja no local de quem aprende. Essa atitude modifica a visão do Abdias, e, ao sair da cadeia, começa a pensar possibilidades mais reais de transformação da realidade por meio da arte.

Em 1944, ao sair da prisão, foi para o Rio de Janeiro e iniciou o processo de pensar a existência do TEN, que foi e é fundamental, um divisor de águas para pensar o teatro do negro brasileiro⁵.

Dentro da trajetória do Abdias, vale ainda mencionar que, após a finalização das atividades do TEN, em 1961, e até mesmo nos anos de 1950 e 1960, ele esteve de forma plena e ativa em congressos, eventos e palestras sobre a realidade do negro brasileiro, o que contribuiu para o exílio forçado pelo governo civil-militar, em 1968. Esse período foi importante para a construção do artista plástico, produzindo muitas obras que estão disponíveis, de maneira digital, no IPEAFRO. É deste período também sua contribuição como professor em Nova Iorque. E sua aproximação com Elisa Larkin, que se tornou sua segunda esposa (Paim, 2013).

Com o fim do exílio em 1981, voltou ao Brasil e fundou o IPEAFRO. É por influência e aproximação com políticos desse período que Abdias entrou na política. Foi eleito vereador da cidade do Rio de Janeiro, em 1954; deputado federal entre 1983 e 1987 e senador da República em 1997 a 1999, sendo o primeiro

Bó e Juan Raúl Young, Gerardo Mello Mourão, Napoleão Lopes Filho e Abdias Nascimento. Artistas e poetas.

⁵ O Teatro Experimental do Negro (TEN) foi uma importante iniciativa cultural e política liderada por Abdias do Nascimento, um dos principais ativistas do movimento negro brasileiro. O TEN tinha diversos objetivos e propósitos, incluindo o Combate ao Racismo; a Valorização da Cultura Negra; a Formação de Artistas Negros; além da Conscientização Política e da Promoção da Identidade Negra. Logo, o TEN desempenhou um papel significativo na luta contra o racismo e na promoção da igualdade racial no Brasil, além de ter contribuído para o desenvolvimento cultural e artístico do país.

cidadão negro a assumir cargos políticos para lutar contra o racismo e os direitos da população negra (Paim, 2013).

Na trajetória de Abdias, destaca-se, ainda, sua nomeação como secretário de Defesa e Promoção da Igualdade Racial do Estado do RJ, livros e publicações que refletem sobre o negro, o racismo e as culturas negras. Nos últimos anos, passou a receber justas homenagens devido a sua contribuição para a intelectualidade brasileira, sua luta e dedicação ao povo negro. Tornou-se referência no campo político, artístico, educacional e social. Um griot que resistiu e serviu como líder para lutas caras das relações étnico-raciais.

4 LINHA DO TEMPO DOS POVOS AFRICANOS: NOVAS ENSINAGENS

A historiografia eurocêntrica ensinada sobre os africanos e aos africanos é uma história falseada que reduz a um recorte subjogado a real dimensão das contribuições dos povos africanos para a humanidade (Goody, 2008). E essa dimensão é mantida de forma forjada, provocando um roubo da história dos povos africanos, “[...] não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem, onde um certo sujeito imaginado está sempre em jogo” (Hall, 2003, p. 26), pois o que se fala, de maneira geral, sobre a África, é partindo do contato com o colonizador europeu ou do sistema escravista.

A negação, por parte do branco, da cultura africana, é responsável pelos conceitos pejorativos referentes à raça e à cor do homem nascido na África, e pelas apreciações que, durante séculos, procuraram negar seus autênticos valores espirituais, artísticos, religiosos e políticos (Nascimento, 1961, p. 12).

A posição de negar essa historicidade tem um objetivo muito específico: a construção de uma identidade forjada para fins ideológicos, político-sociais e para a manutenção de uma população inteira subalternizada a um sistema capitalista de exploração de mão de obra. Fator esse, inclusive, muito próximo ao que encontramos ainda hoje. E é contra essa perspectiva que a educação, juntamente a outros setores, vem lutando.

Sobre as Áfricas, devemos compreender que mais de 30 mil anos de ocupação humana as tornam afluentes de muita história e cultura, inclusive como influenciadoras de tantas outras civilizações. Sendo assim, não podemos deixar, e essa deve ser uma luta diária, seja nas salas de aula, seja nos espaços acadêmicos, que os povos das Áfricas sejam reduzidos ao olhar racista.

Não porque a África seja um ponto de referência antropológico fixo [...]. A razão para isso é que a África é o significante, a metáfora, para aquela dimensão de nossa sociedade e história que foi maciçamente suprimida, sistematicamente desonrada e incessantemente negada e isso, apesar de tudo que ocorreu, permanece assim (Hall, 2003, p. 41).

Na busca em tentar repensar essa história, ponderando uma epistemologia decolonial, é que a professora doutora Elisa Larkin Nascimento, viúva do Abdias Nascimento e atual diretora do IPEAFRO, desenvolve o material didático ilustrado, que serve como possibilidade de *ensinagem* da história e memória africana.

A linha do tempo passeia cronologicamente, mostrando as principais contribuições dos povos africanos para a humanidade; contudo, seu objetivo é reconstruir a história do continente, reafirmando o que não deveria ser negado pela colonização e pelo racismo.

Imagem 1 - Linha do tempo dos povos africanos



Fonte: Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (2022)⁶.

O material possui, em sua versão completa, mais de 52 imagens pensadas para ilustrar, mas também recontar a história com auxílio da imagem, fazendo

⁶ Disponível em: <http://www.ipeafro.org.br>. Acesso em: 3 set. 2022

com que, ao ser utilizado na sala de aula, chame atenção das crianças e dos jovens, ao tempo que contribua para melhor entender os fatos e acontecimentos. Nesse caso, a imagem serve para fortalecer os elos indeníveis entre os alunos negros e os africanos.

A representatividade e o reconhecimento do continente possuidor de conhecimentos, empodera a juventude em se visualizar como futuros produtores de saber, desconstruindo a imagem que o negro não tem capacidade para construção da ciência e de construções significativas para a sociedade. Essas ações, simbólicas, viram a chave da consciência de si e dos seus, de maneira que oportuniza o saber para transformar.

O material didático, que conta com a linha do tempo, e que foi desenvolvido em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), está disponível para educadores do Brasil e do mundo que desejem trabalhar com a história das civilizações africanas.

O livro/suplemento didático conta com a apresentação de Kabengele Munanga, o qual nos diz que:

Trata-se de uma notável contribuição, pois o texto do suplemento didático construído em torno da linha do tempo é escrito numa linguagem acessível a todos, educadores e alunos. Creio que nós todos, envolvidos no processo de fazer funcionar a Lei 10.639/03, estamos ganhando um instrumento precioso e de alta qualidade para cumprir os objetivos da Lei e as reivindicações históricas do Movimento Negro (Munanga, 2007, p. 8).

A linha do tempo e o material didático figuram como uma tentativa de sobrepujar as ressalvas presentes na Lei 10.639 (Brasil, 2003), ao tempo que podem ser pensados por pesquisadores que desejam reescrever a história dos povos negros africanos e afro-brasileiros. Para além, produzem efeito na construção de memórias pós-coloniais e de afirmação ético-racial, buscando a valorização por meio do ensino, da pesquisa, da cultura e da documentação, que são os objetivos do instituto. Mostram-se, assim, eficazes na busca da afirmação identitária e da luta contra o racismo epistêmico e estrutural, enquanto promovem uma educação antirracista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O IPEAFRO COMO EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Observamos, aqui, a contribuição da casa de memória viva que é o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), colaborador direto do saber e da valorização das populações negras do Brasil. Como acervo, vem se atualizando e disponibilizando material diverso. Como fonte, contribui para pesquisas e aulas sobre o negro e fomenta a pesquisa e extensão como alinhadas e formadoras do tripé com a educação. Como memória, permanece lutando contra uma sociedade racista e desigual. Como ponto de cultura, fomenta a arte e os saberes para além do olhar eurocêntrico e branco.

Nesse sentido, a missão do IPEAFRO vem se concretizando e seus objetivos sendo galgados cada dia mais. Com o desejo de contribuir, de alguma forma, para a divulgação, manutenção e/ou possíveis novos parceiros, é que este artigo foi escrito, apresentando o instituto aos desconhecidos e lembrando sua fundamental importância para os conhecidos. E mais, em consonância com o IPEAFRO, aspira-se que mais educadores façam valer a lei do ensino das culturas africanas e afro-brasileiras na educação, não por sua obrigatoriedade em lei, mas por sua urgência em criar um mundo mais justo e equitativo para todos.

Logo, nota-se que é por meio da sua missão e das ações promovidas ao longo dos últimos anos que o IPEAFRO promove uma educação antirracista, que engloba ensino, pesquisa e documentação, promovendo rupturas dentro e fora da sala de aula. Que possamos ser e formar educadores que reconheçam a contribuição, história e culturas dos povos negros, pois nossa educação só será livre quando, na história da educação, todas as narrativas e contribuições forem postas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei n. 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Mensagem de veto Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

GOODY, Jack. *O roubo da história: como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUNANGA, Kabengele. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O Tempo dos Povos Africanos*. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2007. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/publicacoes-do-ipeafro/suplemento-didatico/>. Acesso em: 10 out. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. O griot. *Itaú Cultural*, São Paulo, 2021. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/o-griot/>. Acesso em: 2 out. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.18, n.50, apr. p 209-24, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. *Dramas para negros e prólogo para brancos*. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

PAIM, Paulo. Apresentação. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Grandes Vultos que Honraram o Senado – Abdias Nascimento*. Brasília, DF: Senado Federal; Coordenação de Edições Técnicas, 2013.

VIEIRA, Carlos Eduardo; CORRÊA, Fabiola Maciel. Abdias Nascimento: a trajetória de um intelectual negro engajado na disseminação de saberes emancipatórios entre as décadas de 1920 e 1940. *Revista Brasileira De História Da Educação*, Maringá, v. 22, n. 1, 2022. Doi: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e215>

Sobre os autores:

Heverton Luis Barros Reis: Doutorando em Educação, com foco na Linha de Pesquisa de Educação, Estudos Sócio-históricos e Filosóficos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos/História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialização em História e Cultura do Brasil, Metodologia para o Ensino de Artes e Docência no Ensino Superior pela INTERVALE. Bacharelado em Artes pela UFBA. Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Pedagogia pelo Centro Universitário UniFAVENI. Professor de Educação Básica e Superior. Ator com registro profissional (DRT: 0010013/BA), que adiciona uma perspectiva artística ao meu trabalho educacional. Historiador com registro profissional (DRT: 0000028/BA), ressaltando minha competência na área de História. **E-mail:** hevertonbarrosreis@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-2798-4367>

Olívia Neta: Doutorado em Educação, mestrado em História e graduação em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista de Produtividade em Pesquisa – PQ 2/CNPq. Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, exercendo o cargo de pró-reitora adjunta de Pesquisa (2023-atualidade). Professora-orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Defensora da escola pública e sócia da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPEd). Editora da Revista Brasileira de História da Educação, Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica e *History of Education in Latin America* (HistELA). Coordenadora do Fórum de Editores de Periódicos da Área de Educação (FEPAE-ANPEd) e vice-coordenadora do Laboratório de História e Memória da Educação (Lahmed/UFRN). Tem experiência na área de Educação e História, com ênfase em História da Educação, Teoria e Metodologia da História, Historiografia e Educação Profissional.
E-mail: olivia.neta@ufrn.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-4217-2914>

Recebido em: 07/11/2023

Aprovado em: 07/05/2024